

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
22 de Julho de 2021
ALEXANDER KLUGE – POR UM CINEMA IMPURO

**IN GEFahr UND GRÖSTER NOT BRINGT
DER MITTELWEG DEN TOD / 1974**
**“No Perigo e na Maior Angústia
o Caminho do Meio é o da Morte”**

*Um filme de Alexander Kluge
e Edgar Reitz*

Argumento, produção e direção artística: Alexander Kluge e Edgar Reitz / Imagem (16 mm, ampliado para 35 para a distribuição, preto & branco): Günther Hoermann, Alfred Hürmer, Edgar Reitz / Montagem: Beate Mainka-Jellinghaus / Som: Dietmar Lange, Burkhard Tauschwitz / Interpretação: Dagmar Bödderich (Inge Maier), Jutta Winkelmann (Rita Müller-Eisert), Alfred Edel (Bieringer), Norbert Kentrup (Max Endrich) e outros.

Produção: RK-Film (Munique) / Cópia: digital (transposto do original em película), versão original com legendas eletrónicas em português / Duração: 86 minutos / Estreia mundial: 18 de Dezembro de 1974 / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

A reunião de Alexander Kluge e Edgar Reitz para a realização de **In Gefahr und Gröster not bringt der Mittelweg den Tod** é o único resultado fílmico de uma relação profissional que já datava de alguns anos. Nascidos no mesmo ano (1932) e, por conseguinte, cerca de quinze anos mais velhos do que os membros do que viria a ser o *Novo Cinema Alemão* dos anos 70 (Fassbinder, Wenders, Schroeter, Schlöndorff, von Trotta), cujo trabalho é tão diferente do deles, Kluge e Reitz fizeram parte dos vinte e seis signatários do célebre Manifesto de Oberhausen (cidade alemã onde tinha lugar um importante festival de curtas-metragens), um texto breve e genérico, uma tomada de posição de apenas quatro parágrafos, que naquele período de mudanças poderia ter sido elaborado por jovens cineastas de muitos outros países, como atestam as suas palavras finais: “*O cinema tem de ser mais independente. Independente de todas as convenções habituais da indústria. Independente do controle dos parceiros comerciais. Independente dos ditames dos acionistas. Temos ideias pormenorizadas sobre o novo cinema alemão, a nível espiritual, estrutural e económico. Hoje, estamos dispostos a tomar qualquer risco. O cinema convencional está morto. Acreditamos no novo cinema*”. O manifesto data de 1962, quando os futuros cineastas do futuro novo cinema alemão ainda estavam na adolescência. Um ano depois, Kluge e Reitz fundaram o Instituto de Design Cinematográfico, como um departamento da celeberrima e muito influente Escola de Desenho Industrial de Ulm, que funcionou de 1953 a 1968 e cujo escopo ia muito além do saber fazer, muito além do design propriamente dito e então ainda chamado *desenho industrial*.

Datado de 1974, **In Gefahr und Gröster not bringt der Mittelweg den Tod** coincide com a afirmação internacional do *novo cinema alemão*, mas situa-se noutra esfera, a do ensaio cinematográfico, como toda a obra de Kluge. Uma observação feita por ele a propósito de **Der Angriff der Gegenwart auf die übrige Zeit**, realizado dez anos depois de **In Gefahr und Gröster not bringt der Mittelweg den Tod**, aplica-se perfeitamente a este objeto cinematográfico: “*Este filme lida (1) com elementos de cinema; (2) com a ilusão da cidade; (3) com pessoas que agem na cidade com diversas coisas diferentes na mente: experiências pessoais, noções sobre o cinema, a realidade da cidade*”, acrescentando adiante: “*Tanto quanto possível, tenho a intenção de narrar este filme no*

estilo de um filme de ficção. No entanto, os meios utilizados pelo cinema para exprimir a sua relação com o presente têm de ser atualizados. Muitos belos elementos de «mise-en-scène» foram banalizados. Nos casos em que a experiência, ou melhor, a sua tradução estiver bloqueada, temos de recorrer ao formato do filme-ensaio. Não conheço outra possibilidade de fornecer tanto material tão depressa”.

Filmado em 16 mm, suporte por excelência do documentário, do cinema militante e do *cinema experimental*, **In Gefahr und Gröster not bringt der Mittelweg den Tod** situa-se num espaço e num período de tempo precisos: catorze dias de Fevereiro de 1973 em Frankfurt, centro financeiro da República Federal da Alemanha. No plano do “real”, são postas em oposição as manifestações do Carnaval e a implacável desocupação e demolição de um grupo de casas. Reitz e Kluge explicam que o título do filme, claro apelo a uma luta radical, foi tirado de um grafite visto na cave de uma das casas ocupadas. A estes dois elementos são acrescentados outros dois, um par de personagens femininos de ficção que nunca se cruzam, uma prostituta e uma espia da Alemanha do Leste, ou como é especificado nos intertítulos de abertura: “1. A história de Inge Maier. 2. A agente secreta: Rita Müller-Eisert. 3. A linguagem dos eventos públicos. 4. Despejo na Schumannstrasse 69, 71 e na Bockenheimer Landstrasse 111 e 113”. As duas mulheres transgridem até certo ponto as suas funções: prostituta procura roubar sistematicamente a carteira dos clientes, ao passo que a espia considera “a realidade social” mais interessante do que “os segredos de Estado, que poderei ler amanhã nas páginas do jornal”, o que a faz desrespeitar as regras estritas da sua profissão. Kluge informa-nos ainda que o tango que acompanha, no desenlace, a fuga da prostituta é tocado por uma banda espanhola que fugiu para França depois da Guerra Civil e que toda a peça deriva das quatro primeiras notas da *Internacional*. A estrutura do filme é aberta, não didática e embora não haja aqui, como em outros filmes de Kluge, *objets trouvés* (as imagens do Carnaval e as do despejo foram captadas diretamente para o filme), tudo é organizado para, citando o realizador, tornar “possível apresentar a realidade como a ficção histórica que é”, levando em conta a observação de Tara Forrest que sintetiza a *démarche* de Kluge: “ele próprio dá grande importância na formulação de textos (que podem ser filmes, programas de televisão, entrevistas ou histórias) cujas estruturas não são fechadas nem didáticas e que evitam orientar o espectador ou leitor numa direção conceptual ou ideológica específica. O trabalho de Kluge não consiste em textos acabados, mas em materiais brutos para a imaginação, pois, como diz ele, «o filme ganha existência na cabeça do espectador»”. É o caso de todos os filmes, mas no caso dos filmes de Alexander Kluge em geral e em **In Gefahr und Gröster not bringt der Mittelweg den Tod** de modo específico, trata-se de um conceito consciente, de um ponto de partida e não de chegada.

Antonio Rodrigues